

COLUNAS

CANAIS

ASSINE



Colunas Canais Assine

Busca

Enviar



Assine Época

EUGÊNIO BUCCI

A tortura que dá certo, na verdade, dá errado

Os defensores do sadismo de resultado afirmam que existe uma “tortura do bem” - e isso é um mito

EUGÊNIO BUCCI

03/07/2013 - 15h33 - Atualizado 25/10/2016 21h13

Compartilhar

Assine já!

De quando em quando, aparece alguém dizendo que, em situações extremas, a tortura de um prisioneiro pode estancar o mal e promover o bem. Os defensores desse sadismo de resultados costumam usar como argumento a hipótese da bomba-relógio. A historinha que eles contam é mais ou menos a seguinte: a polícia prende um terrorista que instalou uma bomba-relógio numa grande cidade; em questão de quatro ou cinco horas, milhões de pessoas morrerão e, como não há tempo de deslocar a população para fora do alcance da bomba, o único jeito é torturar o sujeito até ele dizer onde escondeu o explosivo, que, aí sim, será desativado pelos agentes de segurança. Nesse caso, concluem, a tortura seria justificada.

Mais recentemente, têm aparecido até filmes para nos convencer disso. Um deles, *Ameaça terrorista* (*Unthinkable*, 2010), se baseia precisamente na hipótese da bomba-relógio: um torturador (interpretado por Samuel L. Jackson) se encarrega de arrancar de um terrorista fanático a localização de artefatos nucleares instalados em metrópoles americanas. Como o torturador do filme esbanja competência fria – e como Samuel L. Jackson é um ator de carisma quente, adorado pelo público –, seus métodos levam a melhor. Moral da história: a tortura pode estar do lado dos mocinhos. Em outras palavras, existe a “tortura do bem”.

O pano de fundo da intensa propaganda hollywoodiana é a tal Guerra ao Terror, movida pelo governo americano contra organizações extremistas, como a al-Qaeda. Desde os atentados de 11 de setembro de 2001, a mentalidade de Hollywood mudou bastante. Nos filmes mais antigos, torturadores eram apenas um signo do mal, gente baixa, um tipo de verme cinematográfico. Agora, o seviciador de vítimas algemadas pode ser um pai de família ativo, sóbrio e amoroso – tão abnegado e generoso que, pelo bem de sua pátria, é até

Assine Época com 50% OFF

No contexto da Guerra ao Terror, esse deslocamento do signo da tortura – que migra do polo do mal para o polo do bem – foi essencial para a Doutrina Bush. Agora, se tornou a menina dos olhos de fãs de cinema e também de intelectuais.

ÉPOCA publicou uma entrevista providencial e esclarecedora com Mark Bowden, autor do livro *A caçada*, sobre a operação de captura de Osama bin Laden por soldados americanos – tema que também virou filme (A hora mais escura). Lá pelas tantas, o entrevistador, o jornalista Rodrigo Turrer, pergunta se os interrogatórios violentos da CIA ajudaram na caçada. Bowden responde: “Foram eficazes para localizar terroristas e prendê-los. Isso, porém, não justifica o uso dessas técnicas”. Ele argumenta que, muitas vezes, a brutalidade nos interrogatórios gera “erros, mentiras e desinformação”. E completa: “Os dados para a arrancada final que encontrou Bin Laden não foram obtidos pela tortura, mas por investigação minuciosa”. Bowden tem razão. Essa história de que a tortura seria mais eficaz do que a investigação policial bem-feita é apenas um mito tecnocrático. Fora isso, atentar contra a integridade física de um prisioneiro constitui um ato incompatível com a civilização, seja qual for a situação hipotética, imaginada pelos entusiastas do pau de arara. Cenários extremos não valem como argumento. São ilógicos, irracionais. Matar é crime grave em qualquer sociedade, em qualquer código de conduta – não obstante, numa situação extrema, um cidadão de bem pode se ver impelido a esganar seu semelhante. Um pai que, dentro de sua própria casa, vê um filho ser agredido, humilhado ou barbarizado por um assaltante pode ter impulso de matar o agressor. Se fizer isso, terá de responder depois, nos tribunais, por seu ato, pois matar é crime e continuará sendo crime. Por mais que compreendamos as razões desse pai, o assassinato não deixará de ser crime. Se escrevêssemos as leis da civilização de acordo com hipóteses de urgência absurda ou de pressão psicológica total, a lei autorizaria o homicídio, as infrações de trânsito (todas elas) e os safanões de delegados em ladrões de galinha. Dizer que a tortura é um crime não significa dizer que ela deixará de acontecer para sempre. Significa apenas que, quando ela acontecer, o torturador será devidamente julgado e punido. Pretender dar a ele uma carta branca, por antecipação, equivaleria a fazer de Sérgio Paranhos Fleury nosso ministro da Justiça. Seria o mesmo que transformar o crime na única lei verdadeiramente eficaz.

saiba mais

Mais colunas de Eugênio Bucci

TAGS:

EUGÊNIO BUCCI COLUNA COLUNISTA OPINIÃO

MAIS LIDAS

Assine Época com 50% OFF

COLUNAS	CANAIS	ASSINE
As provas contra Lula: 3 mil evidências, 13 casos e R\$ 80 milhões em propina - ÉPOCA...		
2		
Projeto financiado pela Ambev será disseminado no exterior por meio de parceria com...		
3		
O Chromecast promete transformar uma TV comum em uma smart TV - ÉPOCA Tecnologia		
4		
Os medicamentos mais caros para o estômago são mais eficientes? - ÉPOCA Check-Up		
5		
Sete anos depois, quem ganhou dinheiro com as tomadas de três pinos? - ÉPOCA ...		

especiais